

Ô de Marcelo Coutinho

VIGÍLIA de André Severo

DOIS VAZIOS

CABEÇA DE PEIXA de Ismael Portela

SIEMPRE de Paula Krause


O Edital Arte e Patrimônio foi lançado em 2007 com o objetivo de criar uma linha de financiamento para projetos que estabeleçam diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Por um lado, trabalhos artísticos e processos estéticos atuais e, por outro, os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Essa sugestão de interações múltiplas é um modo de celebrar os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

Formada por Afonso Luz, Carlos Zilio, Cristiana Tejo, Fernanda Barbará, Lauro Cavalcanti, Lorenzo Mammi, Marisa Morkarzel, a comissão julgadora se reuniu em outubro de 2007 para selecionar, entre os 138 projetos recebidos de todo o Brasil, 12 propostas que priorizassem a inter-relação entre as artes visuais contemporâneas e os patrimônios brasileiros escolhidos.

Foram selecionados dois projetos que propõem uma leitura histórica das artes visuais e dez projetos que difundem a temática da interação entre as artes visuais e o patrimônio cultural brasileiro.

Nesta primeira edição do Edital foram escolhidos projetos que fazem interações entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul e entre as regiões Sul e Nordeste. A relação de todos os projetos selecionados está disponível no site www.artepatrimoniorg.br.



O projeto *Dois vazios*, apresentado por André Severo e Marcelo Coutinho através de ARENA – Associação de Arte e Cultura, realizou quatro filmes experimentais concebidos e produzidos por quatro artistas atuantes no cenário contemporâneo. 

O Edital Arte e Patrimônio é uma iniciativa do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobras.

Ô Um filme de Marcelo Coutinho



VIGÍLIA Um filme de André Severo



CABEÇA DE PEIXA Um filme de Ismael Portela



SIEMPRE Um filme de Paula Krause



Desenvolvido a partir da experiência de seus criadores em produções plásticas e audiovisuais cuja premissa era colocar-se em situação de deslocamento contextual e confrontação cultural direta, o projeto *Dois vazios* não somente promoveu o encontro de duas linguagens artísticas (cinema e artes plásticas), como também propôs o embate entre duas vastas paisagens brasileiras: os pampas da região Sul e o sertão da região Nordeste.

Acreditamos que a arte contemporânea, enquanto uma ação de agenciamento, é instrumento de grande eficácia tanto na articulação de culturas distantes quanto no encontro de cognições oriundas de vários campos do saber. Antes de ser uma pura captura do real, aos moldes do relato etnográfico ou do cine-documentário, a arte é consciente de sua espessura ficcional e aproxima-se do mundo produzindo imagens, metáforas e simbologias. Através deste outro regime de signos, seu discurso acaba por ordenar de forma não linear presente e passado, atualização e reminiscência. Neste caso a arte contemporânea nos surge como um particular método de revelação simultânea das inúmeras camadas de tempo que formam o palimpsesto que é a história de toda cultura.

De modo semelhante, pensamos que o cinema engloba distintas formas de produção, reflexão e realização audiovisual. Ao largo dos contextos históricos que consolidaram a sua linguagem, construiu-se em paralelo um caminho largo e fértil de amplas experimentações e possibilidades narrativas. Neste caminho paralelo, evidencia-se fortemente uma dinâmica de estruturação capaz de desbordar os limites das tradições históricas bem assentadas e das circunscrições antropossociais dentro das quais se formalizaram. Terreno que se presta a um proveitoso desenvolvimento para miscigenações imagéticas, narrativas e poéticas, a investigação audiovisual configura-se, para nós, como um meio de expressão artística ainda desobstruído para receituários pessoais capazes de aliar realidade e ficção, intuição e imaginação, linearidade e dessincronização, interpretação e adaptação, ambiências naturalistas e arranjos estéticos.

Com base em tais inferências, e apostando, pois, no intercâmbio entre distintas realidades instrumentais, categoriais, geográficas e culturais como elementos que dão forma e potencializam os contextos impalpáveis que conformam a diversidade do país, *Dois vazios* não almejou simplesmente dar suporte à realização de produtos audiovisuais herméticos e destinados à fruição de públicos específicos, mas sobretudo contribuir para o estabelecimento de um entrecruzamento de fronteiras capaz de fazer voltar a atenção para os processos de investigação e redefinição de conceitos que animam e pluralizam a experiência artística. Por isso, os meios artísticos e audiovisuais aportam aqui, sobretudo, como formas, ou instrumentos, de erigir um estado poético que força as coisas a se apresentarem diretamente aos sentidos que as percebem.

Se aceitarmos que o pensamento contemporâneo radicalizou a descrença no modelo modernista, podemos anuir como uma das conseqüências desta radicalização o fato de encontramos hoje nas práticas artísticas a formação de um campo aberto, uma gleba ampla e desobstruída para o exercício da liberdade de entrecruzar conhecimentos, desmaterializar objetos, transfigurar realidades, criar situações, interferir ou interagir com o meio ambiente e a coletividade. Estamos, portanto, cientes de que vivemos num tempo em que grandes embates epistemológicos entre corpo e mente, razão e cognição, arte, ciência e religião vêm se relativizando de forma mutual. No entanto, para nós, o que torna tão singular este momento histórico é o fato de que em poucos momentos da cultura ocidental tivemos essas fronteiras tão alargadas e, por vezes, até mesmo apagadas.

Ao mesmo tempo, este contexto torna também relativos conceitos como transgressão, ruptura, novidade e outras tantas idéias caras às vanguardas históricas do século XX. Sem a segurança das meta-narrativas que sustentavam a idéia de um progresso linear, podemos hoje ver a história como sendo constituída também de fortes recuos. Mais próxima da imagem dos povos nômades pré-modernos a cultura ocidental vê-se hoje como uma história imanente que constrói seu caminho a cada passo da caminhada.

Desta forma, e tendo, como uma de suas metas principais a ampliação do compartilhamento da arte contemporânea para além das possibilidades já assimiladas, *Dois vazios* aposta na democratização dos meios de difusão dessa produção, preservando seu conteúdo e densidade de informação. Procurando reforçar os efeitos do pensamento artístico como patrimônio imaterial a ser disseminado no meio social – deslocando-se dos centros hegemônicos que distribuem, controlam e definem arbitrariamente as produções culturais –, *Dois vazios* intentou também enfatizar a multiplicidade heterogênea do gesto criador que se conforma não somente em instâncias de controle, pertinência e objetividade, mas também (e simultaneamente) pelos foros de divagação, prostração, incerteza e dissolução de propósitos que, a nosso ver, constituem o caráter natural da realização artística.

Com a exibição de seus resultados o projeto procurou estabelecer uma rede relacional entre artistas, intelectuais e público em geral abertos ao entrecruzamento de idéias, como modo de refletir o próprio hibridismo verificado na produção artística atual – que hoje transita desembaraçadamente por distintas áreas do conhecimento e modos de produção.

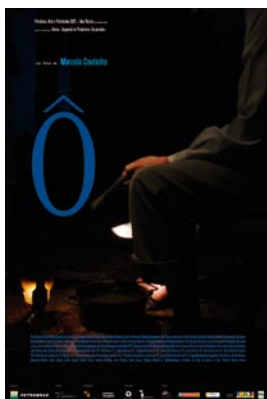
André Severo e Marcelo Coutinho



Em tempos de suspensão da verdade, ainda é possível vê-la insinuar-se. É preciso olhos atentos. Inefável, invisível, ela sempre está longe da pele e dos olhos, mas próxima do ar e da temperatura que envolve as coisas. A imanência da ação ou a transcendência da representação não sustentam qualquer vislumbre da verdade. Ela costuma surgir tal qual um ladrão na madrugada. Inesperada, se deixa entrever nos olhos falsos de um ator que apenas representa, que empresta a gravidade de seu corpo às dores de uma personagem que nunca possuiu qualquer concretude. Igualmente inesperada, a verdade pode se negar a aparecer quando, ao invés de vermos as simulações de um ator, vemos um *performer* cortar com bisturi seu próprio corpo. Às vezes a verdade se deixa entrever com toda sua glória no falso. Às vezes, a verdade desautoriza sua aparição naquilo que é inteiramente verdadeiro. A verdade freqüentemente surge quando nada mais resta. Quando não há mais pedra sobre pedra.

Em meus últimos trabalhos tenho procurado escapar da construção de relações metafóricas ou de analogia, que também são métodos que estabelecem relações entre signos. Tenho procurado tecer relações que se estabelecem por fuga e deslizamento. Uma imagem desliza, escapa na direção de outra imagem. O nexa entre elas não é de similaridade ou linearidade, na fixação de uma semântica. Trata-se antes de tudo de um “teor”, de uma “temperatura”. Em termos espinosianos, um “afecto”. Um afecto produz uma “afecção”. A imagem é, ao meu ver, esta afecção. Esta afecção inevitavelmente desencadeará uma série de outras imagens semelhantes em teor, porém diferentes em forma e sentido. Na falta de outro termo para me referir diria que o nexa é de tipo *genealógico*. Uma imagem gera outra, diversa de si que, por sua vez, gera outra *ad infinitum*. A cada nova geração, mais distante estará a primeira imagem que havia desencadeado o processo. Por isso falo de genealogia. Mas poderia igualmente falar de “evolução” ou de “entropia”.

Marcelo Coutinho



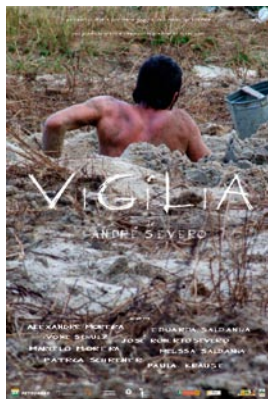
Ô UM FILME DE MARCELO COUTINHO

DIREÇÃO: **MARCELO COUTINHO** ASSISTENTE DE DIREÇÃO: **GUSTAVO MONTEIRO** PRODUÇÃO: **ALCIDES VALENÇA** EDIÇÃO DE IMAGENS: **ALAN OLIVEIRA E MARCELO COUTINHO** EDIÇÃO DE ÁUDIO: **MARCELO COUTINHO** PREPARAÇÃO DE ELENCO: **GUSTAVO MONTEIRO, MARCELO COUTINHO E RAIMUNDO BRANCO** ATORES: **PATRÍCIA COSTA, RENATO DE ANDRADE DA SILVA E UBIRAJARA MOREIRA JR.** IMAGENS EM BREJO DA MADRE DE DEUS (PE) – CÂMARA: **ALEXANDRE LUCENA** DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: **ALEXANDRE LUCENA, GUSTAVO MONTEIRO E MARCELO COUTINHO** ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: **ALAN OLIVEIRA** IMAGENS EM GUÁIBA (RS) – CÂMARA: **ANDRÉ SEVERO** DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA: **ANDRÉ SEVERO E MARCELO COUTINHO** PRODUÇÃO: **ANDRÉ SEVERO, ALEXANDRE MOREIRA, JANE PINHEIRO, MARCELO COUTINHO E PAULA KRAUSE** PRODUÇÃO GERAL: **ILHA IMAGEM E SEGUNDA LEI PRODUTORES ASSOCIADOS** REALIZAÇÃO: **DOIS VAZIOS, ARENA PAÇO IMPERIAL E ARTE E PATRIMÔNIO 2007** PATROCÍNIO: **PETROBRAS** APOIO: **IPHAN, ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO PAÇO IMPERIAL, PREFEITURA DE BREJO DA MADRE DE DEUS, PREFEITO ROBERTO ASFORA E MINISTÉRIO DA CULTURA, LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA** AGRADECIMENTOS: **ABEL (PE), ANA ASFORA (PE), EDUARDO VALENÇA (PE), FERNANDO BITENCOURT (RS), IRACI DA SILVA MONTEIRO (PE), JOHN COLTRANE (NY), MARCONDES LIMA (PE), MARIA HELENA BERNARDES (RS), MARIA NAZARÉ DE ANDRADE (PE), MOACYR (PE), RAIMUNDO BRANCO (PE), PREFEITO ROBERTO ASFORA (PE), 2º BATALHÃO DE BOMBEIROS DE CARUARU (PE), CENTRO CULTURAL BENFICA-UFPE (PE)** AGRADECIMENTOS ESPECIAIS: **ALAN OLIVEIRA, ALCIDES VALENÇA, ALEXANDRE MOREIRA, ANDRÉ SEVERO, CARLOS EDUARDO CORRÊA SEVERO, GUSTAVO MONTEIRO, JANE PINHEIRO, PAULA KRAUSE, UBIRAJARA MOREIRA JR.**



Construir maneiras particulares de expressão que mais apresentem do que simbolizem ou representem. Restituir uma imagem do real que conduza ao devaneio, à distração, à nução das derivas, ansiedades e lembranças cotidianas. Abandonar os imperativos categóricos do real e entregar-se a delírios, entorpecimentos e alucinações hipnagógicas. Deixar vir à tona as imagens da memória (que existem apenas em potência) e encadear – em seqüências de idéias soltas – os reflexos instintivos, as fantasias espontâneas e as utopias involuntárias do espírito. Dar forma a um tipo de composição (expressa por associações sonoro-imagéticas) cujo conteúdo apresente uma visão emocional e/ou conceitual na abordagem de estados de alma, sentimentos e impressões subjetivas. Colocar à prova a realização de obras que utilizem som e imagem na transmissão de seqüências de signos organizados sem o acordo evidente com algum código paradigmático de emissão e recepção. Ensaiar alguma espécie de poesia audiovisual, que se destine a estimular a mente e os sentidos – e que (não obstante seu inevitável caráter de incompletude) seja consolidada para alcançar a coordenação harmônica de suas partes. Dispor um conjunto de imagens (como revelação de uma presença) e forçar encadeamentos poético-conceituais não lineares elaborados a partir de recursos formais inflexíveis e, no que possível, despojados de ornatos. Abrir-se a conformações que, sem determinação objetiva para significar, para exprimir arbitrariamente, sejam encorajamento ao deixar o pensamento fluir livre e desordenadamente. Armar representações seqüenciais como uma espécie de exercício espiritual que prepara simultaneamente para a contemplação e a reflexão. Expor oscilações visuais e vibrações sonoras que estimulem a difusão de seus códigos, se mesquem à memória e à imaginação e guardem semelhança com certas práticas de concentração mental que fazem focar a atenção através da repetição de um único som ou imagem mental. Compor séries mais ou menos coesas, mais ou menos compostas, mais ou menos articuladas de seqüências audiovisuais potencializadas pela própria estruturação (ou desestruturação) das suas partes. Engendrar quadros e composições que façam apelo direto à percepção, à memória, à consciência e não aceitem a suspensão de tempo ou a descontinuação de movimento. Conceber seqüências imagéticas sem interrupção e sem passagem imediata para outra imagem – evidenciando o fluxo, o escoamento, o movimento contínuo de algo que segue um curso. Idealizar arranjos audiovisuais em que a opção pela objetiva imóvel, pelo silêncio, pela exposição não narrativa de um acontecimento e pela apresentação de uma série longa de elementos numa determinada seqüência – em que cada um difere minimamente do elemento subsequente (e daí resultando diferença acentuada entre os elementos iniciais e finais da seqüência) – tornem-se imprescindíveis como experiência de tempo, como investigação de possibilidades para o movimento, para a imagem, para o imaginário e para a significação. Ordenar acontecimentos e situações que exijam penosos esforços de interação e, por isso mesmo, estimulem a uma presença ativa e construtiva. Enfim, expor um produto audiovisual em que, se detectada certa qualidade de coerência na resposta à mensagem emitida, esta não seja a consequência de qualquer operação meramente intelectual de interpretação – mas o resultado natural da exposição às emoções, pensamentos e sensações derivados da experiência com o fluxo dos sons e das imagens.

André Severo



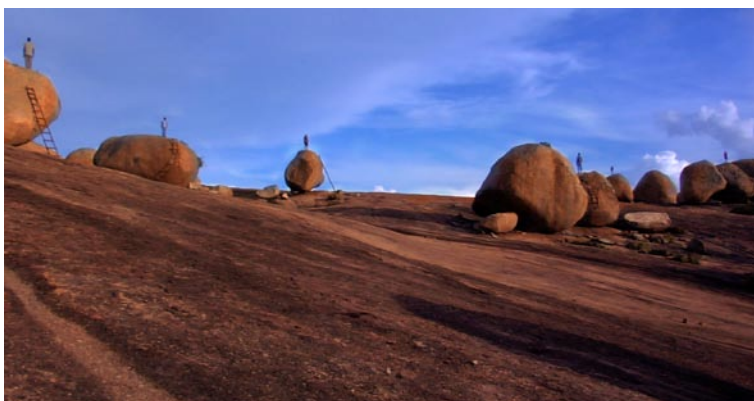
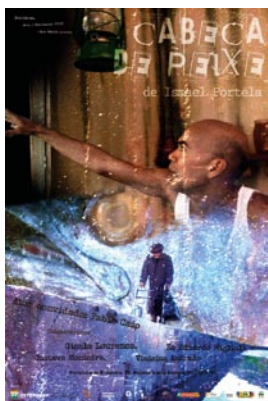
VIGÍLIA UM FILME DE ANDRÉ SEVERO

DIREÇÃO: ANDRÉ SEVERO ASSISTENTE DE DIREÇÃO: PAULA KRAUSE ELENCO: ALEXANDRE MOREIRA, EDUARDA SALDANHA, IVONE SCHULZ, JOSÉ ROBERTO SEVERO, MARCELO MOREIRA, MELISSA SALDANHA, PATRÍCIA SCHREINER E PAULA KRAUSE NARRAÇÃO: ANDRÉ SEVERO DIREÇÃO DE ARTE: ANDRÉ SEVERO COM COLABORAÇÕES DE CENOGRAFIA: ALEXANDRE MOREIRA, MARCELO MOREIRA E PAULA KRAUSE MONTAGEM E EDIÇÃO: ILHA IMAGEM PRODUÇÃO: ILHA IMAGEM E SEGUNDA LEI PRODUTORES ASSOCIADOS REALIZAÇÃO: DOIS VAZIOS, ARENA PAÇO IMPERIAL E ARTE E PATRIMÔNIO 2007 PATROCÍNIO: PETROBRAS APOIO: IPHAN, ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO PAÇO IMPERIAL, CASTELINHO CARACOL, GRANDE HOTEL CANELA, HOTEL FAZENDA PAI MATEUS, HOTEL VERANEIO HAMPPEL E MINISTÉRIO DA CULTURA, LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA AGRADECIMENTOS: ANA FLÁVIA BALDISSEROTO, ANDRÉIA MOREIRA, BEATRIZ HELENA MOREIRA, CAMILA KRAUSE CORRÊA, CLÁUDIO (CASTELINHO CARACOL), CRISTIANO DE OLIVEIRA PEREIRA, ERNA BETHGE CORRÊA, GABRIEL WAZEN, GUSTAVO MONTEIRO, ISMAEL PORTELA, IVANA DUARTE, JANE PINHEIRO, JEFERSON VINÍCIUS PEREIRA DE AZAMBUJA, JOÃO (CASTELINHO CARACOL), JOSÉ AGNELO FRANZEN CORRÊA, LICIELE TAUANA PEREIRA DE AZAMBUJA, LÚCIO WAZEN, MÁRCIO MOITA, MARIA MARATIA, MARIANA XAVIER, MARIA TEREZILDA BRASIL DE MATTOS, MARTINA BETHGE CORRÊA, PAULO DE CARVALHO LIMA, PRISCILA BETHGE CORRÊA, ROBERTTO ONÓFRIO, RODRIGO CAVALHEIRO SALDANHA, SANDRO TORQUETI, SÍLVIA FINGUERUT, TEREZINHA DE MOURA WAZEN AGRADECIMENTOS ESPECIAIS: ALEXANDRE MOREIRA, EDUARDA SALDANHA, IVONE SCHULZ, JOSÉ ROBERTO SEVERO, MARCELO COUTINHO, MARCELO MOREIRA, MARIA HELENA BERNARDES, MELISSA SALDANHA, PATRÍCIA SCHREINER E PAULA KRAUSE, VIGÍLIA É DEDICADO A CARLOS EDUARDO CORREA SEVERO.



Viajar, encontrar lugares, respirar paisagens, ser no tempo, ouvir os sons e ruídos do mundo e sentir imagens. Achar personagens, juntar os amigos, compartilhar e fazer viagens. Construir objetos, pensar o tempo, interferir na paisagem e filmar imagens. Pedir licença, esperar o tempo, a luz, trocar olhares com a paisagem e espera o piscar da imagem. Conhecer formas de gente, trocar idéias, contar e ouvir estórias, e trazer um outro olhar da mesma paisagem ao olhar delas. Sentar, olhar, cortar, colar e, sem o uso da palavra, deixar que as imagens tomem o lugar de destaque. Deixar ser, conhecer, conviver, compartilhar, aprender e agradecer.

Ismael Portela



CABEÇA DE PEIXA DE ISMAEL PORTELA

DIREÇÃO: ISMAEL PORTELA ATOR CONVIDADO: FABIO CAIO COLABORADORES: GISELE LOURENÇO, GUSTAVO MONTEIRO, ZÉ EDUARDO MIGLIOLI, VINÍCIUS ANDRADE REALIZAÇÃO: DOIS VAZIOS, ARENA PAÇO IMPERIAL E ARTE E PATRIMÔNIO 2007 PATROCÍNIO: PETROBRAS APOIO: IPHAN, ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO PAÇO IMPERIAL, PREFEITURA DE PRIMAVERA – PE, Pousada Quatro Estações – PE, V.D.G. – PA, E MINISTÉRIO DA CULTURA, LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA

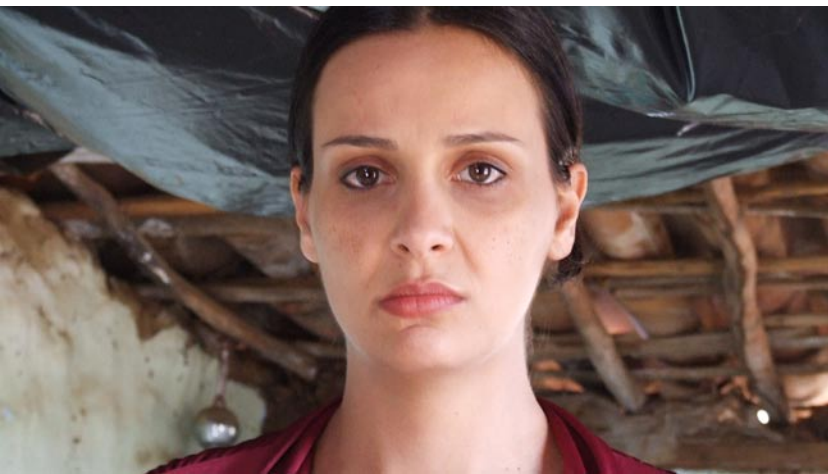


A imagem de Dois Vazios me causou, desde o início, uma forte intuição. Olho para a miragem destas duas paisagens, uma brevemente conhecida, outra profundamente reconhecida, e me vejo. Como não poderia me ver? Sou eu quem intui, sou eu quem mergulha neste rio, quem percorre este curso, entre um e outro vazio. Eu e a minha imagem, sobreposta a estas construções mentais da memória.

Com a colaboração de outros que se intuem pedras, água, leite, céu, destes vãos, crio uma imagem em movimento, um movimento em imagem, movimento que não se decide entre ativo e passivo, ou melhor, que adere ativamente à passividade inerte dos vazios.

Esta parece ser a natureza da entrega, da disponibilidade, da crença: a aposta em uma intuição, alheia ou não, parece combinar duas qualidades de movimento, a ação carregada de uma vontade muito essencial e a inércia frente a um ambiente inexplorado; cada passo para dentro dele é uma entrega ao que for. Principalmente nos vazios, que são concretos demais em sua planaridade, em seu convite (“Venha, aqui tudo é plano e nada muda”) e difusos demais nas suas miragens. Parecem lugares perfeitos para a imaginação.

Paula Krause



SIEMPRE DE PAULA KRAUSE

DIREÇÃO: **PAULA KRAUSE** ASSISTENTE DE DIREÇÃO, DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E CÂMERA: **ANDRÉ SEVERO** DIREÇÃO DE ARTE E CENOGRAFIA: **ANDRÉ SEVERO** E **PAULA KRAUSE** EDIÇÃO: **ILHA IMAGEM** PRODUÇÃO: **ILHA IMAGEM** E **SEGUNDA LEI PRODUTORES ASSOCIADOS** REALIZAÇÃO: **DOIS VAZIOS, ARENA PAÇO IMPERIAL** E **ARTE E PATRIMÔNIO 2007** PATROCÍNIO: **PETROBRAS** APOIO: **IPHAN, ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO PAÇO IMPERIAL** E **MINISTÉRIO DA CULTURA, LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA, GRANDE HOTEL CANELA, HOTEL FAZENDA PAI MATEUS** AGRADECIMENTOS: **ALEXANDRE MOREIRA, CAMILA KRAUSE CORRÊA, GUSTAVO MONTEIRO, ISMAEL PORTELA, IVANA DUARTE, JANE PINHEIRO, JOSÉ AGNELO FRANZEN CORRÊA, MÁRCIO MOITA, MARIANA XAVIER, PATRÍCIA SCHREINER, PAULO DE CARVALHO LIMA, ROBERTTO ONÓFRIO, SÍLVIA FINGUERUT** AGRADECIMENTOS ESPECIAIS: **ANDRÉ SEVERO, MARCELO COUTINHO.**

Projeto



Patrocínio



Realização



Paço Imperial/MinC IPHAN



Ministério
da Cultura



Apoio

